

Um lagarto de Timor ou a poesia fraterna de Leonel Neves

João Minhoto Marques* 

Leonel Neves é um dos poetas portugueses contemporâneos que melhor conheceu Timor. A sua estadia, entre 1964 e 1966, no território timorense, por motivos relacionados com a sua profissão de meteorologista, deve ter contribuído para aprofundar, no plano biográfico, o conhecimento do espaço e da cultura daquele espaço. No plano da literatura (aquele sobre o qual este texto procura refletir), as referências a Timor são particularmente relevantes no volume póstumo intitulado *Memória de Timor-Leste* (NEVES, 1997). Neste, figura-se um eu que, desde o início do livro, diz ser poeta e se demora em apresentar o mundo observado e filtrado pela sua consciência, em registo lírico rememorativo. A leitura dos poemas, como se poderá depreender pelas imposições deste registo, evidencia não apenas uma dimensão testemunhal decorrente da experiência daquele eu, como, igualmente, um autoconhecimento que integra essa experiência e se manifesta, de modo particular, no discurso do poeta.

Na verdade, o conhecimento de Timor a que me refiro constitui, na poesia, uma linha de sentido particular (BLANC DE PORTUGAL, 1997, p. 10), embora em assinalável coerência com a poética do autor, considerando especificamente as restantes recolhas de poemas conhecidas – *Janela aberta* (NEVES, 1940), *Natural do Algarve* (NEVES, 1986), *Ontem à noite* (NEVES, 1989a) e *A cal cúbica e as manchas* (NEVES, 2009). A este respeito, seria, aliás, possível ter igualmente em conta outra produção poética de Leonel Neves, nomeadamente a que integra um considerável conjunto de poemas repartidos por obras musicais e textos para a infância, dos quais se poderiam mencionar, a título exemplificativo, *Bichos de trazer por casa*, cujo subtítulo é precisamente *Poemas para crianças* (NEVES, 1981), ou o volume *O elefante e a pulga* (NEVES, 1979b), subintitulado de modo semelhante.

Basta, porém, que nos centremos sobre as referidas coletâneas para compreendermos como é ao nível do trabalho da linguagem que se constrói e adquire, ao longo do tempo, o conhecimento que é igualmente do domínio do poético – veiculado pelo poeta, sem excluir a dimensão institucional da literatura. Neste sentido, a poesia de Leonel Neves poderia ser apontada como um excelente exemplo de como a crítica literária, na sua melhor tradição, até judicativa, pode concorrer para a consolidação de uma obra, no plano da receção, e para a afirmação de um jovem autor. Refiro-me, em concreto, a duas ocorrências desta questão, consubstanciadas em breves recensões ao primeiro livro do poeta Leonel Neves. A primeira, da responsabilidade de José Régio (RÉGIO, 1977), foi publicada no segundo número da segunda série, datado de Fevereiro de 1940, da prestigiada revista *Presença*; a segunda, assinada por Carlos Relvas (RELVAS, 1940), apareceu no número 43-44, de Fevereiro-Março de 1940, da mais jovem, mas também importante, revista *Sol Nascente*.

* Doutor em Literaturas pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (UAlg), Portugal. Professor na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (UAlg), Portugal. E-mail: jmarques@ualg.pt

Antes de atentarmos em alguns dos pontos das mencionadas recensões, importa recordar que os poemas dessa obra de juventude de Leonel Neves datam de, pelo menos, 1939, conforme é referido no cólofon: “Este livro foi composto e impresso em Lisboa, nas oficinas da Tipografia Sousa Ferradeira, Rua Doutor Alexandre Braga, número quarenta e cinco, no mês de Dezembro de 1939” (NEVES, 1940). Na verdade, embora o frontispício registre a data de 1940, o certo é que os paratextos indiciam não apenas atividade de escrita anterior, como, igualmente, reflexão acerca da poesia, ou, se quisermos, traços claros de uma poética. Veja-se ainda, a este propósito, para além dos dados mencionados no cólofon, este conjunto de informações que antecede o frontispício, numa breve nota acerca da atividade autoral: “do autor, em preparação: / *Sêde* – sonetos / e um livro de quadras” (NEVES, 1940).

As razões pelas quais me demoro nestes elementos são duas e de diversa ordem, embora tenham em comum elementos factuais. A primeira, prende-se com a relevância das informações que o autor nos fornece; a segunda diz respeito ao contexto histórico-cultural relacionado com esse ano de 1939.

Assim, ficamos a saber que, tendo trabalhado, antes de 1940, neste volume, o poeta estaria, então, à data da estampagem da obra, a debruçar-se sobre dois novos livros: um, provavelmente já em adiantado estado de elaboração, reunindo sonetos e tendo já título; outro, porventura numa fase mais precoce do processo criativo, que coligiria apenas quadras. Este plano editorial é tão mais relevante quanto contribui para iluminar um notório lapso temporal existente entre a publicação de *Janela aberta* e a do segundo volume de poemas, *Natural do Algarve* (NEVES, 1986) ocorrida esta apenas quase três décadas depois, em 1968, com a chancela da Guimarães. Talvez neste segundo livro se encontrem alguns dos poemas a que o autor então se referia. No entanto, em *Natural do Algarve* existe uma notória heterogeneidade estrófica (tal, como, de resto, na restante obra poética de Leonel Neves) que não nos permite identificar inequivocamente conjuntos poemáticos que suspeitássemos terem resultado da recolha desses textos destinados primariamente a *Sêde* ou ao referido “livro de quadras”. É certo que a primeira parte da obra, intitulada “Menino, no Val' da Lama” (NEVES, 1986, p. 17), é praticamente constituída por quadras, mas também aí encontramos tercetos, dísticos e até uma estrofe de um único verso. Por outro lado, embora possamos ler sonetos dispersos no conjunto da obra poética do autor, essa não é a composição poética dominante, pese, embora os diversos exemplos que documentam o domínio da técnica requerida para a prática dessa forma.

Importa, portanto, sublinhar a atenção votada por Leonel Neves, desde muito jovem, à forma da expressão, indiciando-se um pensamento sobre a poesia e a arte que virá a ser confirmado pela prática literária ao longo do século XX. E isto verifica-se não apenas no que diz respeito à estruturação do discurso; evidencia-se, igualmente, no que respeita ao trabalho da linguagem, ao nível da sua materialidade desta, por um lado; e, por outro, no que concerne à forma de pensar a figura do poeta ou ao modo como se discute o lugar da poesia. Darei apenas um exemplo de cada uma destas problemáticas.

No que respeita à primeira, devem-se recordar as primeiras estrofes de um poema intitulado “Ataúro é ilha mesmo”, publicado na revista *Colóquio/Letras* (NEVES, 1989b, p. 63), o qual faz agora parte do volume *Memória de Timor-Leste*, com o título definitivo de “Ataúro é mesmo ilha” (NEVES, 1997, p. 46-8), de onde cito:

É vizinha de Timor / a ilha do Ataúro / Se Timor é fim do mundo / Ataúro é fim do fim //
e talvez haja um timor / que não tenha visto o mar / um ataúro é que não // Ataúro é ilha
mesmo // e não só por ser pequena / é uma ilha absoluta / ilha rodeada de ilhas / e feita de
ilhas também (NEVES, 1997, p. 46).

Nestas três primeiras estrofes, como se pode constatar, procura-se situar a ilha de Ataúro em relação a Timor e por comparação com Timor; depois, relacionam-se as vivências dos habitantes de ambos os espaços, de modo a destacar as dos homens de Ataúro; por fim, apresentam-se as razões pelas quais Ataúro “é uma ilha absoluta”.

As estâncias posteriores poderiam continuar a utilizar quer o registo descritivo, quer o princípio da argumentação para justificar a ênfase do título, isto é, a ideia segundo a qual “Ataúro é mesmo ilha”. No entanto, o sujeito faz algo mais que se coaduna harmonicamente com estas duas estratégias, reforçando-as: recorre a uma técnica gráfica inesperada no contexto do poema para singularizar cinco substantivos (“nuvens”, “javalis”, “veados”, “peixes” e “homens”) que estabelecem com outros tantos nomes (“chuva”, “raiva”, “graça”, “pão” e “força”) correspondências, ampliando-se, desta forma, as diversas aceções de cada um dos lexemas.

Recordem-se as quarta e quinta estrofes, destacando-se os silêncios sinalizados através dos espaços em branco:

com nuvens ilhas de chuva / javalis ilhas de raiva / veados ilhas de graça / e peixes ilhas de
pão // que os homens ilhas de força / trazem das ilhas submersas / para as ilhotas que são /
palhotas à beira-mar (NEVES, 1997, p. 46).

Note-se como é através da materialidade da linguagem (ao nível do verso e do poema) – do jogo entre a presença e a ausência do lexema; da permuta entre o som e o silêncio; da alternância entre o discursivo e o sincopado – que se alcança a multiplicação do sentido e a criação de novos significados para os diversos conjuntos de nomes, no centro dos quais está a palavra “ilha” e no cume dos quais se encontra a definição proposta de “homens” como “ilhas de força”.

Podemos, em suma, tomar estes versos, nos quais se recorre ao silêncio, como verbetes de um dicionário pessoal, numa espécie de revisão lexicográfica alternativa e cumulativa relativamente às que conhecemos de outros dicionários. Por isso, os javalis são animais, mas são também “ilhas de raiva”, tal como os veados são igualmente “ilhas de graça” e os homens se apresentam como “ilhas de força”. Por outro lado, através da repetição dos vocábulos “ilha” ou “ilhas”, Ataúro (e Timor) revestem-se de sentidos complexos – primeiro intuídos pelo leitor, e, depois, compreendidos.

A reiteração do uso deste recurso que procurei descrever permite-nos ainda compreender como, indo além da situação geográfica de Ataúro, o sujeito se centra sobre a dimensão humana, a qual é múltipla, diversa e complexa, mas cabalmente apreendida. Vejamos como se retoma a estratégia nas duas estrofes seguintes:

ilhotas mesmo porque / há um pequeno arquipélago / na povoação de Mau-Meta / e depois nada senão // ilhazinhas de famílias / mulheres ilhas de silêncio / meninos ilhas de fome / homens ilhas de força (NEVES, 1997, p. 47).

A insistência em conjuntos humanos (mulheres, meninos, homens...) prepara, assim, as últimas estrofes do texto, nas quais se evidencia, por um lado, a representação do homem (timorense), cuja identidade é indissociável do espaço a que se encontra ligado de modo definitivo; e, por outro, a representação daquilo que o sujeito agora sabe acerca desse homem e de si próprio. Poder-se-ia, deste modo, afirmar que o eu é aquele que, por ter demorado o seu olhar sobre as diversas ilhas (as literais e as metafóricas) as vê simultaneamente por fora e por dentro, podendo agora corrigir até o discurso exterior sobre Timor. Os últimos dois versos da derradeira estrofe correspondem, portanto, a um ato corretivo (no domínio da linguagem alheia) e fundador (no âmbito do discurso *sage* do sujeito, que, por isso é já outro):

ilhas de força porque / são caçadores submarinos / que à custa da própria força / chegam às ilhas do fundo // com óculos de vidraça / aros arrancados de árvores / setas de pau e ilhas de ar / nas ilhas tensas dos corpos // e têm facies de peixe / dos mergulhos prolongados / que põem ilhas de espanto / na placidez dos timores // quando em beiros que são ilhas / de madeira e de coragem / vêm da ilhinha à ilha / e trazem peixe a Timor // porque é perto de Timor / a ilha do Ataúro / Se Timor é fim do mundo / Ataúro é fim do fim (NEVES, 1997, p. 47-8).

A postura do sujeito, neste, como em muitos outros textos de Leonel Neves, define-se, antes de mais, pela observação, ocupando o eu o lugar privilegiado de quem vê o mundo, aparentemente, de modo distanciado. E se pudéssemos dissociar etapas do processo gnosiológico, o poema constituiria, por esse motivo, quer a da indagação, quer a do resultado desse procedimento, evidenciando-se como intelecção.

Nesse sentido, é compreensível que o leitor possa surpreender versos como “e talvez haja um timor / que não tenha visto o mar” (NEVES, 1997, p. 46). De facto, o tom dubitativo destes versos revela a presença do eu, o desejo de compreender, tal como, de modo análogo, o tom peremptório e o discurso explicativo da grande parte dos versos deste texto nos dá conta do conhecimento do universo para que ele remete. Este formula-se como um conhecimento resultante (se continuássemos a poder dissociar etapas de conhecimento) não apenas de um contacto direto com o plano da “referencialidade”, como, igualmente, com o plano da interioridade de um sujeito plenamente assumido como poeta; ou, dito de outro modo, com o plano mais autoconsciente da lírica, a qual, devido a esta razão, é dotada de assinalável auto-referencialidade.

Poder-se-á, neste sentido, falar de uma entrega do sujeito ao mundo, ao outro, na medida em que a representação desse mundo, ou desse outro, constitui, inequivocamente, uma criação poética (do mesmo modo como o sujeito, tal como referi, também exhibe a sua condição artística).

Neste sentido, importa agora pensar a segunda das problemáticas enunciadas – a que diz respeito à figura do poeta –, pois é a partir dela que, em último caso, parece ser possível ler grande parte da obra de Leonel Neves.

Tal como disse, o ano em que o poeta publica o seu primeiro livro, isto é, 1939, é bastante relevante do ponto de vista histórico-literário. De facto, impressos no mesmo mês de Dezembro são *Janela aberta*, de Leonel Neves, e *Gaibéus*, de Alves Redol, romance com que, como é sabido, é costume a história literária balizar o início do movimento neorrealista em Portugal, anunciando-se uma importante década para a afirmação dos valores e mundividência caros a esse movimento, o qual, por seu turno, e por diversos modos, marca uma rutura com o movimento presencista, testemunhada, na sua face mais visível, pelas múltiplas polémicas travadas em vários jornais e revistas contemporâneos.

Nas duas recensões a *Janela aberta* a que já aludi, datadas precisamente de 1940, da autoria de José Régio e de Carlos Relvas, está patente o pelemismo que impregnava, à época, as publicações de crítica literária. Verifica-se, no entanto, ao apreciarem a obra, uma concordância de pontos de vista em relação a um aspeto particular do livro de Leonel Neves. Assim, de acordo com Carlos Relvas (1940, p. 6),

Há no seu estilo, por vezes, rigor incisivo e naturalidade. É quando nos fala da vida do povo, das tragédias humildes das existências perdidas entre as massas, que L.[eonel] N.[eves] mais seguro de si se nos apresenta. São as várias figuras populares que o poeta vai vendo ou adivinhando da janela.

José Régio, por seu turno, após identificar os poetas com os quais “aparenta” Leonel Neves (Cesário, Augusto Gil e António Nobre) destaca a sua “independência”, afirmando:

E essa independência confirma-se até no modo como revela o poeta o seu interesse (também neste poeta patente) pela questão social: A sua humaníssima simpatia pelos infelizes e deserdados (a quem dedica, talvez, os mais belos dos seus versos) ou a sua caridade para com os próprios condenados ao vício, nada têm que ver com o materialismo dialéctico ou o idealismo sistemático, o positivismo lógico ou quaisquer outras teorias em voga e discussão. (RÉGIO, 1977, p. 235).

Como se pode constatar, apesar de os pontos de partida, em termos ideológicos, serem, na aparência, opostos (e digo na aparência, porque a problemática social não está ausente em algumas das poéticas ditas presencistas; em relação, especificamente, à de José Régio, pense-se, por exemplo, no volume *Fado*, de 1941), ambos os críticos, destacam e elogiam em *Janela aberta* a representação a que se procede nessa obra de diversos tipos humanos, num registo marcado por uma reconhecida “naturalidade” – a mesma “naturalidade”, de resto, que também um outro destacado crítico (David Mourão-Ferreira) elegia, muitos anos depois, como traço diferenciador da poética de Leonel Neves no contexto da lírica algarvia coetânea e na qual identificava nomes conhecidos como “um Cândido Guerreiro, um Bernardo de Passos, um João Lúcio, um Emiliano da Costa” (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 14):

Com efeito, enquanto muitos deles sucumbiram aos prestígios da sumptuária verbal ou às tentações de um visionarismo barroco, Leonel Neves afirma-se pela “naturalidade” do discurso poético [...]. Ou, dizendo as coisas de outra maneira, se este é o livro de um ‘natural’

do Algarve, ele é sobretudo um livro onde a poesia do Algarve se mostra enfim muito mais correntemente “natural” do que até agora sucedera. (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 14-15).

Esta convergência de opiniões quanto à qualidade da poesia de Leonel Neves documenta bem quanto se evidencia, desde *Janela Aberta*, uma linha semântica a que o poeta se manterá fiel ao longo dos anos. É certo que o desfile de tipos citadinos no primeiro poema do volume remete o leitor para Cesário Verde e, em particular, para textos como “O Sentimento dum Ocidental”; e é igualmente verdade que alguns passos do último texto desse mesmo livro parecem dialogar com a lição junqueiriana de *Os simples*; no entanto, mais do que possível ou provável leitura de outros autores, podem ler-se versos que antecipam uma coerência só expectável quando se integram numa poética, esboçada ainda, porventura, a traços largos, mas nem por isso menos prolífica. Observe-se, por exemplo, como este desejo, manifestado pelo sujeito em “Poema da involuntária saudade” (NEVES, 1940, p. 39-46), corresponde a um programa literário que será prosseguido ao longo dos anos, justamente pela figura do poeta (ou, noutros contextos, pela voz do narrador): “Ah! fazer dos meus sonhos os escravos / das ide[i]as dos simples, sem mais sondas” (NEVES, 1940, p. 43).

Serão muitos os tipos que, com maior ou menor espessura, serão ditos pela voz de um sujeito que fraternalmente a eles se atém. Trata-se, na verdade, de um “imenso irmão” (NEVES, 1986, p. 36) – como se afirma num verso de “Notícia de bairro”, pertencente a *Natural do Algarve* – que esta figura encarna, numa espécie de franciscanismo perene, recobrando diversos planos e recorrendo a diversas vozes.

A abrir, por exemplo, *Histórias do Zé Palão*, o narrador diz-nos: “O meu amigo Zé Palão é pescador. É um homem bom, trabalhador e alegre... e é por isso que eu sou amigo dele.” (NEVES, 1979a). A amizade do narrador transcende o facto de Zé Palão ser também mentiroso, porque, tal como o sujeito da lírica, regem-se por uma ética que é imperativa e formativa, não recusando uma visão do mundo, talvez polémica, mas marcadamente pessoal. A este propósito, no domínio dos textos para a infância, poder-se-ia recordar, ainda a título de exemplo, uma estrofe do “Senhor Peru” (NEVES, 1981, p. 9) – poema integrado em *Bichos de trazer por casa*: “Senhor peru, há muita gente nobre / que se esquece de que há gente mais pobre / mas mais limpa e alegre, mais feliz.” (NEVES, 1981, p. 9).

A poesia de Leonel Neves contempla, assim, o homem entendido como um outro irmão, ainda que, por vezes, parece centrar-se numa *persona* específica, como é o caso de algumas das figuras que povoam as primeiras secções de *Natural do Algarve*, das quais “Luís Bruxo” (NEVES, 1986, p. 24) e a figura do “sargento Pacheco” – que, estando reformado, “sopra o seu trombone” (NEVES, 1986, p. 35) e é apupado pelas vizinhas – constituem assinaláveis ocorrências. Desta maneira, “Só um poeta que desemboca, / imenso irmão, ao fim da rua, / entende, como perdoa à lua / que às vezes venha sem as estrelas.” (NEVES, 1986, p. 36). Na verdade, como se pode constatar nas estrofes seguintes, a representação da figura do artista pobre obedece a dois pontos de vista distintos: o dos que desconhecem essa condição e a do próprio sujeito. O que distingue essas perspetivas constitui o conhecimento poético, uma vez que, como fica patente nas representações de Pacheco e de Luís Bruxo, apenas um poeta pode reconhecer outro poeta oculto do mundo:

O sol do Luís Bruxo era o seu *fole* / roto, com poços de desarmonia... / Mas guinchos e caretas que fazia / eram remendos para aquele sol. // Pessoas grandes riam no terreiro. / Mas p'ra mim Luís Bruxo era um artista, / assim ridículo e contorcionista / para poder me dar o sol inteiro. // Em pensamento e coração sabia / as truncadas canções todas completas. / Ah! só os poetas sabem como os poetas / só abraçam a sombra da poesia! (NEVES, 1986, p. 24).

Esta solidariedade do sujeito para com o outro afirma-se igualmente numa linha diferente que institui o solitário, mas irmanado com “todo o mundo”, no primeiro dos dois noturnos “Diálogos com amigos” de *Ontem à noite*, cuja segunda estrofe sublinha a importância das “nossas palavras” que contêm “o segredo / da paz inteira dos irmãos”:

Sós, por entre biombos de silêncio, / quase esquecidos de que estamos vivos / e acordados na Terra neste instante, / há nas nossas palavras o segredo / da paz inteira dos irmãos que dormem / perto, como é agora todo o mundo (NEVES, 1989a, p. 25).

Esta atenção aos homens tem igualmente paralelo na atenção devotada a outros seres e, sobretudo, à natureza – como, aliás, notaram certamente David Mourão-Ferreira (1986), João Guerreiro (2009) e Firmino Mendes (2009), ao destacarem a importância da representação da paisagem e a dimensão ecológica na poética de Leonel Neves. E sendo certo que tais aspetos são documentáveis quer no volume *Natural do Algarve*, quer em textos posteriores, como a *A cal cúbica e as manchas*, no que particularmente diz respeito à paisagem europeia, não deixa de ser também verdade que, em relação a outras paisagens, importa sobretudo destacar o volume *Memória de Timor-Leste*.

Esta obra configura, de resto, um ponto convergência dos aspetos relacionados com o trabalho da linguagem já referidos, com a mencionada figura do poeta fraterno, que tenho vindo a destacar, bem como com a problemática da representação no sentido em que acabei de aludir – aspetos que, aliás, se interligam, solicitando que volte à análise deste último livro.

Na verdade, quer a estrutura desta obra, quer o modo como ela se constitui no plano discursivo conferem relevo à figura do eu que em si integra o outro ou que por este é integrado, fazendo-se, desta forma, sujeito. Assim, do ponto de vista estrutural, pelo menos três das quatro secções de *Memória de Timor-Leste* parecem pretender dar a ver a outrem, a quem o eu por vezes se dirige, uma realidade que lhe fosse exterior. “Apresentação da ilha” (NEVES, 1997, p. 11), “Sete motivos de Díli” (NEVES, 1997, p. 19) e “Do mar mulher ao mar homem” (NEVES, 1997, p. 37) convidam o destinatário do discurso do eu a acompanhá-lo nas imagens que este regista, e até mesmo a última secção, “Post-Scriptum” (NEVES, 1997, p. 69), pode ser lida como uma representação adicional do que, não tendo podido ser dito, é passível agora de ser enunciado. Neste sentido, e tendo em conta o registo memorial para que o título da obra aponta, esta parece revestir-se de uma dimensão testemunhal que, existindo embora no presente da enunciação, remete para a memória de um passado vivido e aponta, sobretudo na mencionada última secção, para um futuro a que se almeja ir de encontro.

A “Apresentação da ilha” é constituída por um conjunto de duas dezenas de quadras que funcionam como um arquipélago de imagens representando diversas faces quer da paisagem física, quer da paisagem humana e cultural de Timor. Esse conjunto, fragmentado em múltiplos ângulos, constitui ainda como que um espelho de temas e motivos equacionados ou desenvolvidos nas restantes secções – os quais, por seu turno, tal como os restantes textos, funcionam como objetos de conhecimento do sujeito.

É, de facto, no trabalho da poesia que reside a possível unidade da memória reconstruída. Isto mesmo parece ser anunciado quando, na antepenúltima quadra da “Apresentação da ilha”, o sujeito se refere às imagens aí convocadas como “estes poemas”: “Calhaus incríveis dos corais do enclave / de Oé-Cusse, com tantas cores supremas, / só vistos lá! São de um cinzento suave / se os trazem como eu trouxe estes poemas.” (NEVES, 1997, p. 17). Os poemas de *Memória de Timor-Leste* devem, assim, ser entendidos como “estes poemas” de cá e agora, mas edificadas com as pedras e suas representações de lá, de locais como Oé-Cusse. E ainda que as suas cores possam transfigurar-se, como as memórias se alteram, ao lê-los, o leitor está a contemplar esses “calhaus” que “só podem ser vistos lá”, precisamente porque não existem fora de “estes poemas”.

O poeta figura-se, neste sentido, como o editor humilde de um canto inseparável de “motivos” timorenses fundamentais. Pode fixar representações do ar (sobretudo do céu ancestral), da água (particularmente do mar e da chuva), da terra (em face da água ou do céu) ou do fogo (a queimada que une a terra ao céu); pode, por outro lado, dizer as histórias dos homens (por exemplo, do rapaz vendedor de fruta, dos pescadores ou dos caçadores) e das mulheres (como a moça da missa dominical ou a sobrevivente da guerra); pode ainda dirigir-se em modo epistolográfico “a Xanana Gusmão / ou ao mais longínquo dos seus sucessores” (NEVES, 1977, p. 69), procurando filiar-se na linhagem de outros poetas que cantaram Timor, como Ruy Cinatti, e, simultaneamente, projetar a sua voz no futuro timorense. É, porém, numa figura onomatopaica, recortada da natureza, que parece residir o essencial da função do poeta e o modo de ser desta poesia. Refiro-me, em particular, ao lagarto de “Tó-quê” (NEVES, 1997, p. 23-24):

Oiço: tó-quê... tó-quê... / tó-quê... tó-quê... tó-quê... // E penso: é um tó-quê, / um lagarto que canta / (só à noite ele canta). [...] // Canta... sei lá por quê! // Lagarto que se aquece / a outro ou que rebenta / de solidão e tenta, / com voz pobre e violenta, / um poema: tó-quê... / Se é sobre a noite lenta / que a poesia adormenta, / o amor acalenta, / a saudade amamenta, / a miséria requece / e a esperança sustenta, / – nenhum poeta inventa / canção mais sábia e atenta / que, humilde, editarei: / tó-quê [...] (NEVES, 1977, p. 23-24).

Construído de ritmos infantis assentes na repetição, este lagarto de Timor parece metaforizar, no seu canto, a poética de Leonel Neves. A atenção ao mundo e a sabedoria colhida desse confronto constituem o canto do poeta, cuja tonalidade humilde permite a abertura ao outro. Ler o outro é, assim, editar o seu canto, ser poeta, instituir-se na e pela poesia. “Com um abraço avulso mas fraterno...” (NEVES, 1977, p. 75).

Referências

- BLANC DE PORTUGAL, José. Revelação de Timor maubere. In: NEVES, Leonel. *Memória de Timor-Leste*. Guimarães: Pedra Formosa Edições, 1997. p. 9-10.
- GUERREIRO, João. Nota prévia. In: NEVES, Leonel. *A cal cúbica e as manchas*. Olhão: Gente Singular Editora, 2009. p. 5-6.
- MENDES, Firmino. Prefácio. Voltar a Arzila. In: NEVES, Leonel. *A cal cúbica e as manchas*. Olhão: Gente Singular Editora, 2009. p. 7-9.
- MOURÃO-FERREIRA, David. Prefácio. In: NEVES, Leonel. *Natural do Algarve: poemas*. 2. ed. Faro: Universidade do Algarve, 1986. p. 11-15.
- NEVES, Leonel. *Janela aberta: poemas*. Lisboa: Edição do Autor, 1940.
- NEVES, Leonel. *Histórias do Zé Palão: contos*. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1979a.
- NEVES, Leonel. *O elefante e a pulga: poemas para crianças*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1979b.
- NEVES, Leonel. *Bichos de trazer por casa: poemas para crianças*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- NEVES, Leonel. *Natural do Algarve: poemas*. 2. ed. Faro: Universidade do Algarve, 1986.
- NEVES, Leonel. *Ontem à noite*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989a.
- NEVES, Leonel. Ataúro é ilha mesmo. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 110/111, p. 63, jul./out., 1989b.
- NEVES, Leonel. *Memória de Timor-Leste*. Guimarães: Pedra Formosa Edições, 1997.
- NEVES, Leonel. *A cal cúbica e as manchas*. Olhão: Gente Singular Editora, 2009.
- RÉGIO, José. [Recensão a *Janela aberta*]. In: RÉGIO, José. *Páginas de doutrina e crítica da "presença"*. Porto: Brasília Editora, 1977. p. 234-6.
- RELVAS, Carlos. [Recensão a *Janela aberta*]. *Sol Nascente*, [s.l.], n. 43-44, p. 6, fev. 1940.

Recebido em 30 de outubro de 2023.

Aprovado em 22 de dezembro de 2023.

Resumo/Abstract

Um lagarto de Timor ou a poesia fraterna de Leonel Neves

João Minhoto Marques

Embora Leonel Neves seja sobretudo associado a obras para infância, ele é igualmente autor de um conjunto assinalável de livros de poesia. A atenção ao mundo, ao outro e à poesia são características da sua poética particularmente visíveis nas obras de maturidade, como *Memória de Timor-Leste*, embora

estejam presentes ao longo do seu percurso literário. Este artigo estuda a poesia de Leonel Neves, ocupando-se das referidas características, da coerência da poética e do caso particular do memorial timorense.

Palavras-chave: Leonel Neves, Timor, alteridade, fraternidade, poesia.

A lizard from Timor or the fraternal poesy of Leonel Neves

João Minhoto Marques

Although Leonel Neves is mainly associated with works for children, he is also the author of a notable set of poetry books. Attention to the world, to others and to poetry are characteristics of his poetics that are particularly visible in his mature works, such as *Memória de Timor-Leste*, although they are present throughout his literary career. This article studies the poetry of Leonel Neves, focusing on the characteristics, the coherence of the poetics and the particular case of the Timorese memorial.

Keywords: Leonel Neves, Timor, alterity, fraternity, poetry.